

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA E CULTURA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

**O Ensino da Cultura Indígena na
Rede Pública do Estado de São Paulo**

Camila dos Santos Souza

SANTOS
2019

O Ensino da Cultura Indígena na Rede Pública do Estado de São Paulo

Camila dos Santos Souza

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de especialização em História e Cultura no Brasil Contemporâneo, da Universidade Federal de Juiz de Fora. Orientadora: Profa. Gabriela Alexandra Mitidieri Malta Cals Theophilo.

SANTOS
2019

Souza, Camila dos Santos.

O Ensino da Cultura Indígena na Rede Pública do Estado de São Paulo / Camila dos Santos Souza. -- 2019. 26 p.

Orientadora: Profa. Gabriela Alexandra Mitidieri Malta Cals Theophilo

Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. , 2019.

1. Ensino indígena. 2. História e cultura indígenas. 3. Antropologia. 4. Ensino Integral. 5. Projeto de intervenção . I. Theophilo, Profa. Gabriela Alexandra Mitidieri Malta Cals , orient.
II. Título.

Camila dos Santos Souza

**O Ensino da Cultura Indígena na
Rede Pública do Estado de São Paulo**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado, ao curso de especialização de História e Cultura no Brasil Contemporâneo, da Universidade Federal de Juiz de Fora.

COMISSÃO EXAMINADORA

Orientadora Professora: Gabriela Alexandra Mitidieri Malta Cals Theophilo.

Professor: Rodrigo Christofolletti

Santos, ____ de _____ de 2019.

Educação não transforma o mundo. Educação muda as
pessoas. Pessoas transformam o mundo.

Paulo Freire

SUMÁRIO

1. Resumo	7
2. Abstract	7
3. Apresentação do tema / problema	8
4. Justificativa e objetivos do projeto de ação	11
5. Descrição detalhada do projeto de ação / intervenção	12
6. Expectativas acerca dos possíveis resultados do projeto	15
7. Análise de Resultados	16
8. Considerações Finais	18
9. Referências Bibliográficas	22
10. Anexos	24

1. Resumo

O presente projeto de intervenção tem como finalidade analisar o ensino da cultura indígena na rede do Estado de São Paulo. Assim, foram realizadas diversas ações com as turmas do 2º ano do Ensino Médio de uma Escola Pública de Ensino Integral do município de São Vicente/SP. O projeto partiu da análise do livro didático “Tempos Modernos, Tempos de Sociologia”, escrito por Helena Bomeny, da obra “Raça e história”, escrito por Lévi-Strauss e do livro “O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil”, do antropólogo Darcy Ribeiro. A partir do levantamento dos dados, percebeu-se o quanto é fundamental o ensino da história e da cultura indígenas em sala de aula, pois vemos reproduzirem-se representações preconceituosas acerca dos povos indígenas. O objetivo do projeto de intervenção é tornar os alunos aptos a compreenderem a história e a cultura indígenas de um ponto de vista antropológico e sociológico.

Palavras-chave: ensino indígena, história e cultura indígenas, antropologia.

2. Abstract

This intervention project aims to analyze the teaching of indigenous culture in the network of the State of São Paulo. Thus, several actions were carried out with the classes of the 2nd year of High School of a Public School of Integral Education in the city of São Vicente / SP. The project came from the analysis of the textbook “Modern Times, Times of Sociology”, written by Helena Bomeny, of the work “Race and history”, written by Lévi-Strauss and from the book “The Brazilian People: The Formation and Meaning of Brazil”, by anthropologist Darcy Ribeiro. From the data survey it was realized how fundamental is the teaching of indigenous history and culture in the classroom, because we see reproduced stereotypical representations about indigenous peoples. The objective of the intervention project is to make students able to understand indigenous history and culture from an anthropological and sociological point of view.

Keywords: indigenous teaching, indigenous history and culture, anthropology.

3.Apresentação do tema / problema

O presente trabalho tem por objetivo estudar a questão indígena no ensino da rede pública do Estado de São Paulo. O ensino da história indígena vem ganhando reconhecimento desde a formulação da Constituição Federal de 1988, foi incluído nas orientações da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (resolução de 1999) e regulamentado com o Decreto Presidencial de 2004. Toda essa legislação tem como objetivo garantir a educação escolar indígena.

A escola possui o papel de assegurar o processo de aprendizagem e o desenvolvimento do currículo étnico-cultural indígena. As escolas devem questionar e problematizar o senso comum acerca dos povos indígenas.

Infelizmente, ainda são propagados determinados 'pré-conceitos' sobre as culturas indígenas, isto é, o desconhecimento da população e o descaso do Estado corroboram para a não desmistificação de tabus levantados ao longo dos séculos. Para Darcy Ribeiro, os povos europeus envolvidos na conquista da América, incentivaram e reproduziram a representação dos indígenas como canibais. Ao observar a gravura abaixo, identificamos a visão do estereótipo europeu sobre os indígenas. Uma visão bem contraditória do que eram os rituais antropofágicos realizados pelos tupinambás.



Theodor de Bry. Preparo da carne humana em episódio canibal. c.1590. Gravura em cobre.

Os rituais antropofágicos e outros hábitos indígenas sempre foram condenados pela Igreja e pelos Jesuítas no século XVI. Foi exatamente isso que Darcy Ribeiro escreveu nos capítulos I e V do livro 'O povo brasileiro: a formação e o sentido do

Brasil'. O genocídio, a dizimação dos povos tribais e a desindianização forçada dos indígenas fundamentaram-se na ideia de que “ser diferente é ser inferior”. Foi o impacto desse ‘conforto’ que levou grandes consequências ao longo da história do Brasil, por exemplo, aculturação dos povos indígenas.

O livro didático “Tempos Modernos, Tempos de Sociologia” escrito por Helena Bomeny [et al.] é utilizado em várias escolas públicas do Estado de São Paulo. Após uma análise do texto ‘Raça e história’, nas páginas 46 e 47, e do texto ‘Começamos mal ou o passado nos condena?’ (páginas 235 e 236), é possível perceber a identidade cultural indígena com diferentes recursos (textos, infográficos e imagens).



Agostino Brunias (c.1730-1796).
Índios atravessando um riacho.
Oléo sobre tela, 80 cm x 112 cm.



Representação do primeiro encontro entre Cristóvão Colombo e nativos americanos. Litografia colorida a mão de D. K. Bonatti, 1827.

Nas imagens acima, os alunos conseguem visualizar as alterações promovidas entre os dois grupos étnicos 'branco e indígena', isto é, a variedade de costumes, crenças e religião.

O outro texto no livro didático, "Raça e história", escrito pelo autor Claude Lévi-Strauss (1908-2009), afirma que os europeus concebiam os povos indígenas como preguiçosos. Para Lévi-Strauss, julgamos os povos que não conhecemos como seres de "costume selvagem", ou seja, isso traz a repulsa pelo desconhecido. Em seus termos:

A humanidade acaba nas fronteiras da tribo, do grupo linguístico, por vezes mesmo, da aldeia; a tal ponto que um grande número de populações ditas primitivas se designam por um nome que significa os "homens" (ou por vezes – digamos com mais discrição -, os "bons", os "excelentes", os "perfeitos"), implicando assim que as outras tribos, grupos ou aldeias – humanas, mas são, quando muito, compostos por "maus", "perversos", "macacos terrestres"; ou "ovos de piolho". (Lévi Strauss, 1952.)

Tudo o que foi visto e lido ajuda a entender o que Darcy Ribeiro quis dizer com a palavra desindianização, isto é, a perda da identidade cultural dos indígenas, tendo em vista essas camadas de representações pejorativas na literatura fundadora da História Nacional (relatos de viajantes, religiosos, ensaios históricos e geográficos etc). Lévi-Strauss difunde a ideia de que não havia desigualdade racial entre humanos. Para ele, "bárbaro é aquele que crê na barbárie", contrapondo-se à profunda hierarquização estabelecida entre os povos a partir do século XVI. Um documento famoso para compreender a formação e disseminação de uma determinada visão dos povos que habitavam o território à época da chegada dos portugueses, é a Carta de Pero Vaz de Caminha:

Dali avistamos homens que andavam pela praia, obra de sete ou oito. Eram pardos, todos nus. Nas mãos traziam arcos com suas setas. Não fazem o menor caso de encobrir ou de mostrar suas vergonhas; e nisso têm tanta inocência como em mostrar o rosto. Ambos traziam os beiços de baixo furados e metidos neles seus ossos brancos e verdadeiros. Os cabelos seus são corredios. (CAMINHA, P.V Carta. RIBEIRO, D. et. al. Viagem pela história do Brasil: documentos. São Paulo: Companhia das letras, 1997 adaptado.)

A postura etnocêntrica dos europeus reforçou a discriminação étnico-cultural na sociedade brasileira. Ao longo do período colonial, sabemos que houve exploração, catequização e genocídio das populações indígenas. Vale ressaltar que tanto os textos do meio acadêmico e os textos do livro didático reforçam essa mesma visão, classificando essas duas sociedades como superior e inferior, por exemplo, a obra

“Ensaio” escrita pelo francês Michel de Montaigne (1533 – 1592), nessa literatura Montaigne, descreve o contato dos europeus e o “Novo Mundo”, artigo titulado como ensaio “Dos Canibais”. Outro exemplo que reforça essas mesmas ideias foram as teorias evolucionistas do século 19.

4. Justificativa e objetivos do projeto de ação

Considera-se, tradicionalmente, a escola como mera transmissora de conhecimento, porém, o livro *Uma didática para a pedagogia histórico-crítica*, alerta os leitores para um novo campo da didática. Segundo Gasparin, autor do livro mencionado, o educando deve ser desafiado a perceber alguma relação entre o conteúdo e a sua vida cotidiana. Nesse sentido, o conteúdo ultrapassa as barreiras das salas de aulas:

O processo pedagógico deve possibilitar aos educandos, através do processo de abstração, a compreensão da essência dos conteúdos a serem estudados, a fim de que sejam estabelecidas as ligações internas específicas desses conteúdos com a realidade global, com a totalidade de prática social e histórica. Este é o caminho por meio do qual os educandos passam do conhecimento empírico ao conhecimento teórico-científico, desvelando os elementos essenciais da prática imediata do conteúdo e situando-o no contexto da totalidade social. (GASPARIN, 2013.p.6)

Nessa perspectiva, introduzir o ensino da história e da cultura indígenas em sala de aula torna-se medida urgente, pois, ainda hoje, vemos reproduzirem-se percepções e representações estereotipadas acerca dos povos indígenas, o que contribui para o desprezo da sociedade diante dessa parcela da população brasileira, que entra apenas de forma marginal nas agendas de pesquisa e de luta política. Em contrapartida, uma compreensão mais precisa do assunto, em sua diversidade, pode resultar em maior disposição de diálogo com populações e lideranças indígenas, revisão de (pré)conceitos e, possivelmente, maior inclinação para os debates acerca das possibilidades e potencialidades de preservação desses povos e suas culturas.

“O enfrentamento dos mundos” foi descrito por Darcy Ribeiro a fim de contribuir para uma maior compreensão da formação sócio-histórica do Brasil. O autor objetiva evidenciar percepções antagônicas que povos indígenas e europeus tiveram da conquista. De acordo com ele:

Os *índios* perceberam a chegada do europeu como um acontecimento espantoso, só assimilável em sua visão mítica do mundo. Seriam gente de seu deus sol, o criador – Maíra –, que vinha milagrosamente sobre as ondas do mar grosso. Não havia como

interpretar seus desígnios, tanto podiam ser ferozes como pacíficos, espoliadores ou dadores.

Provavelmente seriam pessoas generosas, achavam os índios. Mesmos porque, no seu mundo, mais belo era dar que receber. Ali, ninguém jamais espoliara ninguém e a pessoa alguma se negava louvor por sua bravura e criatividade. Visivelmente, os recém-chegados, saídos do mar, eram feios, fétidos e infectos. Não havia como negá-lo. (RIBEIRO, 2015, p.34)

Entretanto, segundo, Darcy Ribeiro pouco mais tarde, essa visão idílica se dissipa:

Mais tarde, com a destruição das bases da vida social indígena, a negação de todos os seus valores, o despojo, o cativo, muitíssimos índios deitavam-se em suas redes e se deixavam morrer, como só eles têm o poder de fazer. Morriam de tristeza, certos de que todo o futuro possível seria a negação mais horrível do passado, uma vida indigna de ser vivida por gente verdadeira. (RIBEIRO 2015, p.34)

Ainda de acordo com Darcy Ribeiro, os europeus, que inicialmente descreveram os índios como “gente boa e bela”, que recebeu dadivosa aos primeiros navegantes, passaram logo a considerá-los como canibais totalmente detestáveis. (RIBEIRO, 2015, p.45).

A política indigenista jesuítico-lusitana tinha como objetivo, assim, levar a salvação aos “perdidos de alma”. A catequização dos índios foi missão dos jesuítas. Em contrapartida, para os colonos, os índios seriam usados como mão de obra escrava.

Como dito anteriormente, a população indígena brasileira, na visão do homem branco, foi, de modo geral, representada como uma comunidade de “selvagens” e de “não civilizados” representação que ainda é propagada em diferentes camadas da sociedade, embora esse panorama tenha começado a mudar nas últimas duas décadas com a criação do Museu do Índio, em 1953, a criação do Parque Nacional do Xingu, em 1961, a Fundação Nacional do Índio (Funai) criada em 1967 e finalmente, em 19 de dezembro de 1973, foi promulgada a Lei 6 001 (conhecida como Estatuto do Índio).

Portanto, o objetivo principal do projeto de ação é proporcionar uma reflexão acerca das culturas indígenas no Brasil colonial e nos dias atuais.

5. Descrição detalhada do projeto de ação / intervenção

O projeto de ação terá como foco os alunos das 2ª séries A, B, C e D como também o currículo Estadual do 2º bimestre do ano de 2019 do colégio E.E. Profª Zulmira de Almeida Lambert, faço essa escolha pelo fato de leciona aulas na disciplina de sociologia para esses alunos mencionados acima.

A E.E. Prof^a Zulmira de Almeida Lambert está localizada, em um bairro próximo à área central do município de São Vicente, tendo um público diversificado, com alunos oriundos de vários bairros periféricos, pertencentes a diversas classes sociais e apresentando graus variados de capital cultural.

A primeira etapa será a visita monitorada com os alunos ao Monumento Nacional Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos, localizado em Santos/SP. O Monumento Nacional teve seu funcionamento por volta do século XVI e, durante esse período, houve indícios de trabalho escravo com indígenas e africanos, ou seja, os alunos conseguem, com a visita, compreender as relações sociais que existiam no engenho de açúcar.

Assim, o objetivo da visita será introduzir o ensino da cultura indígena no Brasil colonial de uma nova maneira, com uma aprendizagem mais significativa, diferentemente daquela encontrada no livro didático citado nas páginas anteriores:

Ao vincular a aplicação da prática de campo ao desenvolvimento de um determinado conteúdo, o professor visa não só aprofundar, mas também reforçar o aprendizado dos alunos acerca de conceitos específicos, fundamentais para a formação desses futuros profissionais. O emprego da técnica em si tem por objetivo desenvolver habilidades intelectuais como, por exemplo, o raciocínio lógico e quantitativo, o senso crítico etc. (LEAL, 2019, p.204)

O trabalho de campo visa reunir e organizar um conjunto comprobatório de informações. A coleta de informações em campo pode exigir negociações prévias para se aceder a dados que dependem da anuência de hierarquia rígidas ou da cooperação das pessoas informantes. As informações são documentadas, abrangendo qualquer tipo de informação disponível, escrita, oral, gravada, filmada que se preste para fundamentar o relatório do caso que será, por sua vez, objeto de análise crítica pelos informantes ou por qualquer interessado. (CHIZZOTTI, 2014, P.103)

Diante disso, o trabalho de campo ou estudo do meio faz com que o discente vivencie e aprenda na prática. A segunda etapa ocorrerá com a leitura do livro 'Casa-Grande & Senzala - HQ' por Estêvão Pinto e Gilberto Freire. O livro aborda a história do Brasil e a formação da miscigenação dos três grupos étnicos presentes no século XIX. Na terceira etapa, os alunos, separados em grupos, irão confeccionar desenhos e maquetes, utilizando como base os conhecimentos adquiridos nas últimas aulas e a obra Casa-Grande & Senzala - HQ por Estêvão Pinto e Gilberto Freire. Ou seja, nesse momento, o importante é o trabalho em equipe, o desenvolvimento de inteligências socioemocionais e a reconstrução crítica da narrativa de Casa-Grande & Senzala.



Imagens retirada da obra Casa-Grande & Senzala – HQ por Estêvão Pinto e Gilberto Freire



Os alunos, através de diferentes imagens em HQ, como as expostas acima, irão reconstituir a chegada dos portugueses e o início (violento) da miscigenação no Brasil. Posteriormente, cada grupo fará uma apresentação para todos os membros da classe acerca dos trabalhos (desenhos e maquetes) produzidos por eles próprios.

A penúltima atividade será realizada individualmente, com o formato de uma prova discursiva. Essa etapa tem como objetivo quantificar as habilidades/competências adquiridas por cada aluno. Para finalizar esta etapa, é preciso levar em consideração as particularidades de cada educando. O objetivo central é introduzir uma análise a respeito dos estereótipos lançados sobre os povos indígenas, procurando estabelecer uma reflexão crítica em cada resposta.

O processo ensino-aprendizagem, nesse caso, está em função das questões levantadas na prática social e retomadas de forma mais profunda e sistematizada pelo conteúdo curricular. De acordo com essa proposta teórico-metodológica, as grandes questões sociais precedem a seleção dos conteúdos. (GASPARIN, 2013, p.35)

Os alunos podem ainda apontar que, no Brasil, apesar da coexistência e miscigenação entre brancos, negros e indígenas, é possível falar em preconceito, não de raça, mas de cor. A noção de cor, assim como a noção de raça, é uma construção social. Isso significa, portanto, que, embora pareçam características “naturais” das pessoas, não há nada de natural em classificar as pessoas segundo a cor da pele, o tipo de cabelo ou formato do nariz. Por isso, é possível falar que, no Brasil, a característica do racismo é baseada mais acentuadamente em preconceitos de

“marca” (cor, tipo físico, características fenotípicas) do que em preconceitos de descendência. (Caderno do professor de sociologia – 1ªsérie. Volume2, P.77)

Levando-se em conta todo o processo desenvolvido nas últimas etapas as questões irão partir dos seguintes questionamentos: Por que a história do Brasil colonial durante muito tempo foi contada pelo grupo dos vencedores (os portugueses)? E por que é importante conhecer todos os lados de uma história? Qual analogia podemos fazer com o estudo dirigido (processo vivenciado nas últimas aulas) desse bimestre? Não há respostas certas para as questões, cada aluno deve manifestar sua opinião livremente.

Evidentemente, essa nova forma de pedagógica de agir exige que se privilegiam a contradição, a dúvida, o questionamento; que se valorizem a diversidade e a divergência; que se interroguem as certezas e as incertezas, despojando os conteúdos de sua forma naturalizada, pronta, imutável. Se cada conteúdo deve ser analisado, compreendido e apreendido dentro de uma totalidade dinâmica, faz-se necessário instituir uma nova forma de trabalho pedagógico que dê conta deste novo desafio para a escola. (GASPARIN, 2013, p.3)

Nesse sentido, a última etapa será uma mostra cultural para todos discentes e docentes no pátio da escola E.E Profª Zulmira de Almeida Lambert. Os alunos poderão apresentar a partir de músicas, poemas ou cartazes, todo o processo construído ao longo dos dias anteriores. O objetivo dessa atividade é a culminância do trabalho realizado no 2º bimestre na disciplina de sociologia.

6.Expectativas acerca dos possíveis resultados do projeto

As narrativas utilizadas no livro didático apresentado preocupam-se mais em apontar as diferenças entre europeus e indígenas, sempre ressaltando o olhar europeu. Não há uma percepção do indígena como um ator social ou sujeito histórico. Assim, das duas visões que foram levantadas acerca dos indígenas, a que permanece hegemônica no Brasil contemporâneo é a descrita por Darcy Ribeiro, a partir de um olhar eurocêntrico sobre diferentes culturas.

Diante disso, a obra didática escolhida “Tempos Modernos, Tempos de Sociologia” escrito por Helena Bomeny [et al.], retrata a visão do Brasil do século XV onde os indígenas aparecem como os povos sem história. Assim, pode colaborar para uma visão distorcida dessa minoria étnica-racial.

Em contrapartida, com base em todas as ações, o resultado obtido do projeto de intervenção será uma reflexão crítica sobre o significado da cultura indígena no Brasil do século XV ao XXI. Nesse sentido, a retomada dos conteúdos aprendidos na 1ª série será de extrema importância, por exemplo, relativismo cultural e etnocentrismo são conteúdos que estimulam nos jovens o exercício crítico.

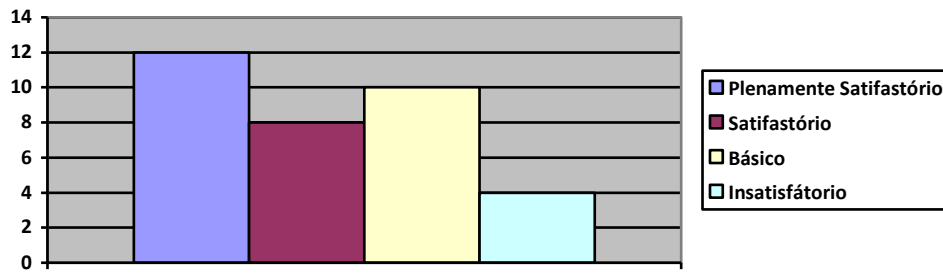
Portanto, vale ressaltar que, no final do projeto de ação, o resultado almejado é que os alunos compreendam a ideia de cultura indígena de um ponto de vista antropológico e sociológico, reconhecendo o papel da cultura indígena na formação do povo brasileiro e identificando a história dos esquecidos no Brasil colonial.

7. Análise dos Resultados

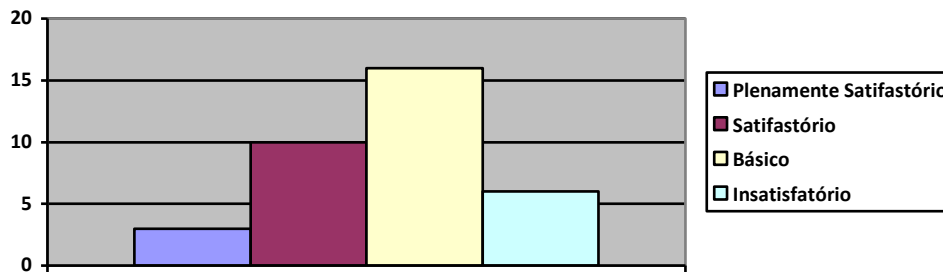
As etapas seguintes foram dedicadas à análise dos resultados obtidos a partir das respostas dos alunos que ocorreu na penúltima atividade do projeto de intervenção aplicado nas turmas do 2ºano do Ensino Médio da E.E. Profª Zulmira de Almeida Lambert do município de São Vicente/SP. Segue abaixo os critérios utilizados para correção das atividades e os gráficos dos resultados obtidos por cada uma das turmas.

Critérios	Descrição
Plenamente satisfatório	O aluno apresentou o texto com domínio pleno pautado pela clareza, coesão e coerência.
Satisfatório	O aluno apresentou o texto com domínio razoável, pautado pela clareza, coesão e coerência.
Básico	O aluno apresentou o texto com domínio mínimo e clareza, mas, sem coesão e coerência.
Insatisfatório	O aluno apresentou o texto com domínio insuficiente. Sem clareza, coesão e coerência.

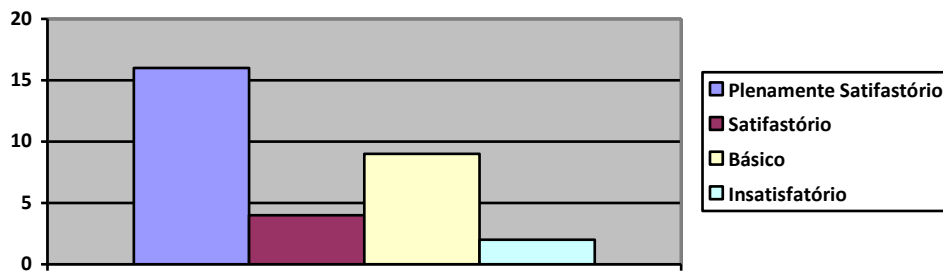
2ªSÉRIE A – E.E. PROFªZULMIRA DE ALMEIDA LAMBERT



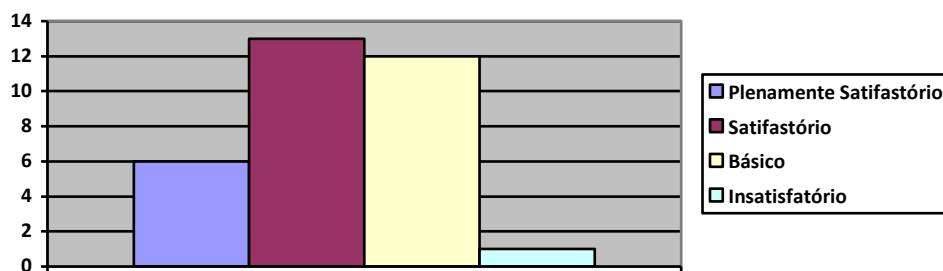
2ªSÉRIE B – E.E. PROFªZULMIRA DE ALMEIDA LAMBERT



2ªSÉRIE C – E.E. PROFªZULMIRA DE ALMEIDA LAMBERT



2ªSÉRIE D – E.E. PROFªZULMIRA DE ALMEIDA LAMBERT



A partir dos resultados dos gráficos percebemos que as maiores taxas estão entre o *satisfatório* e o *básico*, embora elas tenham sido diferentes nas turmas A e C. Pode-se concluir, portanto, que os números representam um bom progresso, mas, ainda há, claramente, alunos que não compreenderam a ideia da cultura indígena de um ponto de vista antropológico e sociológico. Assim, para comparação, foram selecionadas duas respostas, uma considerada plenamente satisfatória e outra considerada insatisfatória. Para assegurar a proteção dos alunos, serão utilizadas abreviações dos seus nomes.

Resposta do aluno (MFS, 16 anos.) - Questão 3 – Antes dos portugueses chegarem ao Brasil, já existiam povos que habitavam a região que eram os indígenas, e muitos textos e histórias trazem e demonstram os portugueses como o primeiro povo que chegou ao Brasil e contam isso como uma história linda, mas, pelo contrário, muitos índios acabaram sendo usados, mortos e praticamente foram “expulsos” de seu território que era de seu direito.

Questão 4 - A importância é que muitas histórias que ouvimos diariamente por pessoas ou professores, como a da colonização, não são exatamente o que aconteceu na época, por isso é importante aprofundar na história para conhecer um pouco mais sobre a realidade da época e os costumes. Foi possível observar isso nesse bimestre através do seminário, onde foi aprofundado um pouco mais sobre o assunto da colonização do Brasil.

Resposta do aluno (DA, 15 anos) – Questão 3 – Pois somente eles vivenciaram tudo isso, estão apenas os portugueses podiam ter a oportunidade de contar. Questão 4 – Para saber mais sobre o assunto, com o estudo dirigido podemos aprender certas coisas específicas de um jeito mais atrativo.

Levando-se em conta as repostas acima foi sugerido para o aluno *DA, 15 anos*, uma recuperação de conteúdo, para o aluno *MFS, 16 anos*, foi proposto uma atividade complementar, que buscou aprofundar o conteúdo com outras fontes e outros recursos didáticos.

6.Considerações Finais

Este projeto considera que o enriquecimento curricular traz um melhor aproveitamento dos conteúdos na área de ciências humanas. A ideia aqui exposta faz parte de um projeto já desenvolvido na escola. Foram realizados trabalhos interdisciplinares nas disciplinas de sociologia, filosofia, história e geografia, demonstrando que as ciências conversam entre si.

O que se pode afirmar no campo conceitual é que a interdisciplinaridade será sempre uma reação alternativa à abordagem disciplinar normalizadora (seja no ensino ou na pesquisa) dos diversos objetos de estudo. Independente da definição que cada autor

assuma, a interdisciplinaridade está sempre situada no campo onde se pensa a possibilidade de superar a fragmentação das ciências e dos conhecimentos produzidos por elas e onde simultaneamente se exprime a resistência sobre um saber parcelado. (THIENSEN, 2008, p. 547)

Diante disso, dentro do ambiente escolar, e fora dele, o currículo interdisciplinar oferece aos alunos a oportunidade de adquirir novos saberes.



Visita monitorada no Monumento Nacional Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos localizado em Santos/SP. (abril de 2019)



Apresentação dos alunos para os professores da E.E. Profª Zulmira de Almeida Lambert da área de Ciências Humanas. São Vicente/SP (maio de 2019)



Exposição no pátio realizada pelos alunos das 2^{as} séries da E.E. Prof^a Zulmira de Almeida Lambert. São Vicente/SP (junho de 2019)



Maquete representando o Monumento Nacional visitado. A maquete foi produzida pelos alunos da 2^a série D da E.E. Prof^a Zulmira de Almeida Lambert. São Vicente/SP (junho de 2019)



Apresentação e socialização das atividades no pátio realizada pelos alunos das 2^{as} séries da E.E. Prof^a Zulmira de Almeida Lambert. São Vicente/SP.



Maquete e desenhos produzidos pelos alunos das 2^{as} séries da E.E. Prof^a Zulmira de Almeida Lambert. São Vicente/SP (junho de 2019)

Em suma, as ações realizadas acima buscaram expor e problematizar o lugar das culturas indígena e afro-brasileira em nossa sociedade, bem como sua possível utilização na sala de aula. Todas as atividades realizadas com os alunos tentaram mostrar a importância da escola na valorização da diversidade étnico-racial.

A escola é criação social e representa um espaço em que as apropriações comuns de uma sociedade podem ser ordenadas e classificadas de acordo com a utilidade e a significação dos conceitos sociais, desde que essas apropriações tenham relevância para o desenvolvimento da criança, sendo utilizadas como ferramenta de interação da criança com o grupo social. (PAULA; MENDONÇA, 2009, p.51).

Infelizmente, a maioria dos professores não tem experiência profunda no ensino da cultura indígena. Penso que manter-se atualizado deve ser uma das prioridades de qualquer profissional, isto é, a formação continuada de professores é um requisito básico para todos, sobretudo, por melhorar as práticas pedagógicas. Além disso, há uma falta de discussão das questões étnico-raciais nas escolas da Rede Pública do Estado de São Paulo, mas, projetos de intervenção como o descrito nestas páginas, demonstram a possibilidade de acontecerem, independentemente da instituição escolar.

Se a escola reflete o modelo social no qual está inserida, isso significa que nela também estão presentes práticas das desigualdades sociais, raciais, culturais e econômicas [...]. A vivência da diversidade étnico-racial no espaço escolar exige que professores, gestores da educação, concebam a escola como um campo de lutas e a pedagogia uma forma de política cultural voltada para um projeto de cidadania, democracia e emancipação. Isso significa mexer com os valores, crenças e culturas consideradas como verdades, significa tencionar as práticas pedagógicas escolares que ainda se pautam por uma concepção colonialista, racista, conservadora e excludente que banalizam e tornam insignificantes as práticas culturais populares. (PASSOS, p.56-57).

Conclui-se que perceber a identidade cultural do ‘Outro’ sempre foi uma tarefa difícil. Vivemos em uma sociedade altamente hierarquizada, formada, socio-historicamente, pela classificação de povos e raças em “inferiores” ou “superiores” – o que dificulta, ainda hoje, o exercício da alteridade. O cenário da conquista foi julgado pelo filósofo Tzvetan Todorov (1939) como “o maior genocídio da história da humanidade”.

Todavia, é na escola que encontramos o lugar de conhecimento e reconhecimento dos indígenas brasileiros, especificamente, e da diversidade de gênero e étnico-racial de nossas sociedades, em geral. Nesse sentido, a escola é o espaço que possibilita o exercício do contraditório, bem como conhecimento do “outro” e do “diferente”.

6.Referências Bibliográficas

ALBERTI, Verena. “**História e memória na sala de aula e o ensino de temas controversos**”. Pág 283 a 299.* Trecho extraído do livro: *história e memória das ditaduras do século XX*, v.2/ organizadoras Samantha Viniz Quadrat, Denise Rollemberg- Rio de Janeiro: Editora FGV,2015. 368p.

CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais* / Antonio Chizzotti. 11.ed. – São Paulo: Cortez, 2010. – (Biblioteca de educação. Série 1. Escola; v16)

GASPARIN, João Luiz. *Uma didática para a pedagogia histórico-crítica*. – 5.ed. rev. – Campinas, SP: Autores Associados, 2012. – (Coleção educação contemporânea)

MENDONÇA, Fernando Wolff. *Linguagem oral e escrita*. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009.

PASSOS, J. C. dos. *Jovens Negros: trajetórias escolares, desigualdades e racismo* – UFSC e NEN.

Revolucionando a sala de aula; como envolver o estudante aplicando técnicas de metodologias ativas de aprendizagem / organização Edvalda Araujo Leal, Gilberto José Miranda, Sílvia Pereira de Castro Casa Nova – 1.ed. [3. Reimpr.] – São Paulo: Atlas, 2019.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. 3ªed. Global editora, São Paulo.2015. 3ªreimpressão, 2017.

RIBEIRO, Darcy. *Diários Índios: os Urubus-Kaapor* – São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

São Paulo (ESTADO) Secretaria da Educação. Material de apoio ao currículo do Estado de São Paulo: caderno do professor, sociologia, ensino médio, 1ª série / Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; equipe, Heloisa Helena Teixeira de Souza Martins, Melissa de Mattos Pimenta, Stella Chiristina Shirijinemaekers. – São Paulo: SE, 2014.

Tempos modernos, tempos de sociologia: ensino médio: volume único / Helena Bomeny... [et al.] – 3. Ed. – São Paulo: Editora do Brasil, 2016.

THIESEN, J. S. A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem. *Revista Brasileira de Educação*, v. 13, n. 39, p. 545-598, 2008.

1.ANEXO (modelo da prova utilizada na aula de sociologia)



E.E. Prof.^a Zulmira de Almeida Lambert
Prova de sociologia – Professora: Camila – 2ºanos

Observe a imagem e leia o texto para responder às questões abaixo.



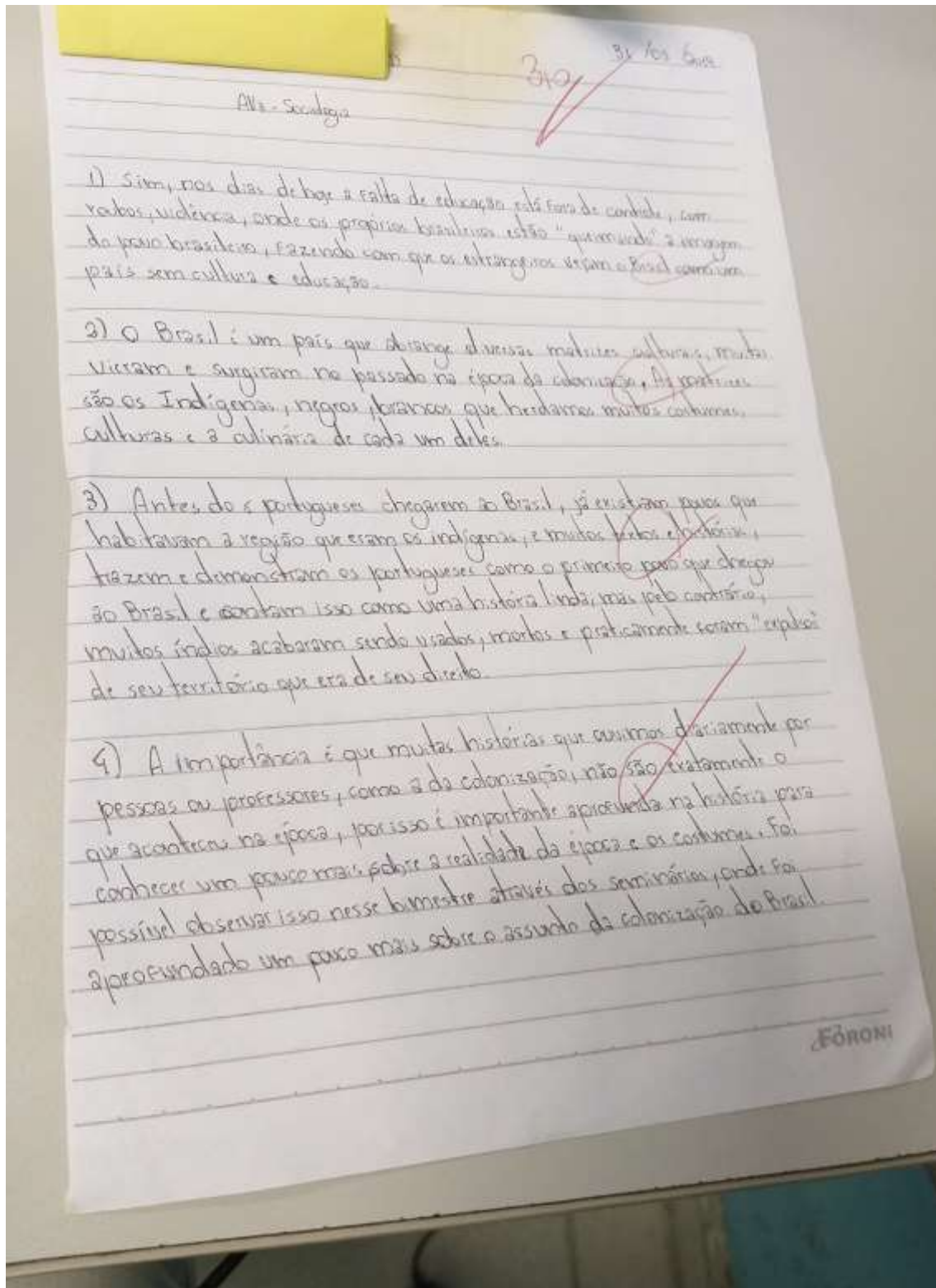
Darcy Ribeiro (ao centro) em uma de suas expedições etnográficas, provavelmente entre 1947 e 1957. Fotografia encontrada em seu acervo pessoal.

Nós, brasileiros, somos um povo sem ser, impedido de sê-lo. Um povo mestiço na carne e no espírito, já que aqui a mestiçagem jamais foi crime ou pecado. Nela, fomos feitos e ainda continuamos nos fazendo. Essa massa de nativos oriundos da mestiçagem viveu por séculos sem consciência de si, afundada na ningüedade. Assim foi até se definir como uma nova identidade étnico-nacional, a de brasileiros. Um povo, até hoje, em ser, na dura busca de seu destino. [...] É de assinalar que, apesar de feitos pela fusão de matrizes tão diferenciadas, os brasileiros são, hoje, um dos povos mais homogêneos linguística e culturalmente e também um dos mais integrados socialmente da Terra. Falam uma mesma língua, sem dialetos. Não abrigam nenhum contingente reivindicativo de autonomia, nem se apegam a nenhum passado. Estamos abertos é para o futuro.

RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro. São Paulo: Companhia das letras, 2007. P.410

- 1.Segundo Darcy Ribeiro, os esforços para construir no Brasil uma identidade cultural nacional teriam dado certo? Qual a sua opinião, pensando na realidade brasileira dos dias de hoje?
- 2.Quais são as matrizes culturais do Brasil? O que herdamos deles?
3. Por que a história do Brasil colonial, durante muito tempo, foi contada pelo grupo dos vencedores (os portugueses)? justifique sua resposta usando exemplo das aulas anteriores.
4. Por que é importante conhecer todos os lados de uma história? Qual analogia podemos fazer com o estudo dirigido desse bimestre?

2. ANEXO (Prova do aluno MFS, 16 anos)



3. ANEXO (Prova do aluno DA, 15 anos)

